Revista Urutágua - acadêmica multidisciplinar - DCS/UEM
n. 30 - mai./out. 2014 - semestral - ISSN 1519-6178

Leituras simbólicas do feminino em três poetisas hispano-americanas: Sor Juana Inés de la Cruz, Alfonsina Storni e Roxana Ukmar*

SAMUEL REZENDE**

Resumo

Uma das grandes características da chamada pós-modernidade é dar voz a quem se encontra à margem daquilo que se consagrou como canônico, universal e imutável. A poesia, a nosso ver, é uma porta que muitas vezes se fecha para valores tidos como inquestionáveis e pensamentos tidos como insuperáveis. E pode ser que o estudo da poesia feita por mulheres tenha a dizer mais do que apenas a já consagrada oposição à tradição masculina. É certo que a violência sofrida pelas mulheres tornou-se substância para o fazer poético, mas, mais que isso, as mulheres parecem ter encontrado na poesia uma das formas de subtração do poder dos símbolos.

Palavras-chave: Modernidade; Pós-modernidade; Ukmar; Feminino.

Symbolic readings on the feminine in three hispanic-american poets: Sor Juana Inés de la Cruz, Alfonsina Storni and Roxana Ukmar

Abstract

One of the great aspects of post-modernity is to give voice to whom is out of the canon, of the center and the universal. The poetry, we think, is a door that many times is closed to unquestionable values and thoughts. Maybe, the study of the poetry, made by women, has more to say than the traditional opposition between women and men. It is right that the violence suffered by women became substance for the poetical work, but, more than that, women seem to have found in poetry a way to subtract the power of the symbols.

Key words: Modernity; Post-modernity; Ukmar; Feminine.

* Um agradecimento especial ao Prof. Marcos de Carvalho pela paciência e pela ajuda oferecida durante a elaboração desse trabalho.

** **SAMUEL REZENDE** é Graduando em Letras Bacharelado (Espanhol-Português) pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).

Revista Urutágua - acadêmica multidisciplinar - DCS/UEM
n. 30 - mai./out. 2014 - semestral - ISSN 1519-6178

1. O âmbito do questionamento

"Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida"

HERÁCLITO, Fragmento 30

Segundo Manuel Antônio de Castro, a modernidade é o período ao qual se relacionam verdades instituídas. São elas o cristianismo, verdade daquilo que cremos; a ciência, verdade daquilo que sabemos; e a técnica, verdade daquilo que fazemos. Nesse período, portanto, há a busca de alinhar a produção humana à lógica da razão, ou seja, à racionalidade subjacente às verdades acima citadas. O problema é que este império da racionalidade acaba por deixar de lado territórios paradoxais, como o poético, o irracional e o feminino (CASTRO: Modernidade, 2)[1].

Em contrapartida, o que chamamos de pós-modernidade, em meio a tantas denominações possíveis, é exatamente a transformação do pensamento em relação à modernidade, entendida esta como uma *epistéme* ou uma posição filosófica que pontifica verdades, como apontamos em Castro. As crenças e valores praticados durante todo período moderno vão sendo revistos, culminando em uma mudança radical, que mexe com as bases do pensamento, da cultura e da própria literatura.

Sor Juana Inés de la Cruz (1651-1695)

Para esclarecer as implicações do embate modernidade/pós-modernidade, será necessário, de início, um aprofundamento de natureza filosófica. O intuito é obter as ferramentas necessárias para a leitura de três poetisas hispano-americanas que retratam, em seus poemas, a evolução de um jogo simbólico subjacente ao percurso que se estabelece entre a modernidade e a pós-modernidade.

Sor Juana Inés de la Cruz, Alfonsina Storni e Roxana Ukmar, nossas poetisas de escolha, deixam entrever, em seus poemas, os meandros da representação simbólica da dominação masculina – mas também de seu questionamento – em momentos históricos distintos.

Em Sor Juana, observaremos esta representação no contexto do século XVII, mas com as nuanças próprias da poetisa. Já em Alfonsina, adentraremos o simbólico da relação homem/mulher no período moderno. Para fecharmos, vamos à caça de uma poetisa contemporânea, Roxana Ukmar, cujos poemas permitem compreender a relação entre os gêneros em plena vigência da pós-modernidade, este período em que a única certeza é de que

[1] Utilizamos aqui a referência sugerida pelo Prof. Manuel António de Castro em seu Dicionário de Poética e Pensamento (http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Como_citar).

"tudo o que é sólido se desmancha no ar".

2. Do moderno ao pós-moderno

Quando se discute a passagem da modernidade à pós-modernidade, é importante recorrer, antes de mais nada, a algumas considerações histórico-filosóficas acerca do primeiro item, a *modernidade*.

Comecemos com Michael Peters (2000, pp. 12-13), que atribui ao termo modernismo dois significados. Um deles é o relacionado aos movimentos artísticos de vanguarda que propunham uma ruptura autoconsciente com o que era tido como clássico nas artes, conceito de somenos importância no corpo desse estudo.

Já o segundo significado traz a dimensão filosófica da modernidade, e nos interessa porque será com relação a ela que se dará a ruptura pós-moderna. Ou seja, podemos perceber nas etapas da passagem do moderno ao pós-moderno correlações importantes com o desenvolvimento simbólico da representação do feminino nas autoras que iremos estudar.

No sentido filosófico, o conceito de modernidade deriva de um rompimento com o pensamento medieval. Seu início se dá com René Descartes, na França, e Francis Bacon, na Inglaterra. Stanley Grenz (1997, pp. 17-18) esclarece que a partir do período da Renascença o homem é levado ao centro da realidade e, ascendendo ao domínio da natureza, procura desvendar os segredos por ela guardados. Foi nesse contexto que Descartes fez a célebre afirmação de que a natureza humana era uma substância que pensava e o ser humano um sujeito racional e autônomo, afirmações que, hoje, estão postas sob suspeita.

Da mesma maneira que há subdivisões possíveis na conceituação da modernidade e do modernismo, há também distinções entre os termos pós-modernidade e pós-modernismo. Aqui, no entanto, interessa-nos o sentido lato atribuído ao pós-moderno e que dá conta da descrença nas grandes narrativas e modelos explicativos próprios da modernidade e mesmo de períodos anteriores a ela.

A derrocada desses grandes modelos explicativos foi percebida primeiramente pelo filósofo francês Jean-François Lyotard que, ao fazer uma análise das sociedades mais avançadas notou que não havia somente uma ruptura com o "período Moderno", havia também um rompimento com as visões que se tinha do mundo: "*a mente pós-moderna recusa-se a limitar a verdade à sua dimensão racional e, portanto, destrona o intelecto humano de sua posição de árbitro da verdade*" (GRENZ, 1997, p. 24).

Há, pois, que se procurar por novos caminhos que possam validar o conhecimento, não se recolhendo ao jugo da racionalidade, ou das verdades irrefutáveis da metafísica. Na pós-modernidade já não haveria mais espaço para aquele conhecimento unidimensional e objetivo, típico da herança solar do iluminismo.

Lyotard percebeu ainda que, ao longo de todo o período da Modernidade era possível encontrar narrativas cujo intuito era o de se afirmar como verdades últimas.

> Originalmente, a ciência entra em conflito com os relatos. Do ponto

> de vista de seus próprios critérios, a maior parte destes últimos revelam-se como fábulas. Mas, na medida em que não se limite a enunciar regularidades úteis e que busque o verdadeiro, deve legitimar suas regras de jogo. Assim, exerce sobre seu próprio estatuto um discurso de legitimação, chamado filosofia. Quando este metadiscurso recorre explicitamente a algum grande relato, como a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza, decide-se chamar "moderna" a ciência que a isto se refere para se legitimar (LYOTARD, 1988, p. XV).

Contudo, é em oposição a crenças e práticas sociais, como os metarrelatos criados na Modernidade, que a pós-modernidade coloca em evidência os chamados pequenos relatos. A pós-modernidade passou a evidenciar, portanto, as narrativas dos diferentes grupos marginalizados. Entre essas se encontra a do feminismo, que se põe contra o grande relato de dominação que se constituiu ao redor do patriarcalismo e da presumida superioridade masculina.

Como o pós-estruturalista Lyotard, outros integrantes desse movimento filosófico refletiram sobre o pós-moderno. Jacques Derrida utilizou a desconstrução para mostrar como o pensamento binário pressupunha uma hierarquia, ou seja, comportava uma gradação de valores, em que um dos elementos torna-se inferior ao outro, descortinando uma relação de controle e poder.

Com todas essas reflexões, o feminino, o negro, a cultura das antigas colônias e também dos povos marginalizados dentro da Europa, por meio do pensamento pós-estruturalista, foram sendo aceitos no contexto social do Ocidente. Essa inserção não se dá apenas no terreno da filosofia, mas também, com igual proporção, no campo das artes, em que se questionam as estruturas fixas da razão e os privilégios que estas estruturas acabam por gerar.

A pós-modernidade leva-nos, portanto, para o convívio com o outro e com a diferença. Desloca para o centro o que estivera à margem do conhecimento durante o exclusivo domínio da razão.

3. O embate simbólico na poesia feminina hispano-americana

No início desse estudo, mostramos qual seria nosso aporte teórico, uma reflexão sobre a irrupção da pós-modernidade e seu paralelismo com o desabrochar simbólico do feminismo em poetisas de diversas fases da literatura hispano-americana.

Podemos iniciar agora a leitura de nossas poetisas. Sor Juana Inés de la Cruz, autora do século XVII radicada na Nova Espanha, traz em seus poemas importantes considerações sobre o jogo que se estabelece pelo domínio entre os sexos, com base na posse da racionalidade. Mas a reflexão de Sor Juana não é exatamente nova, Maria da Penha Felício dos Santos de Carvalho, explica que aquele que primeiro tentou sistematizar o conhecimento em relação ao binário homem/mulher foi Aristóteles:

> Ao defender que as mulheres são intrinsecamente inferiores aos homens – por natureza, por essência – pois, apesar de terem capacidade intelectual equivalente à masculina,

> não possuem autodomínio, não se governam a si próprias, logo devem ser dominadas e governadas por outros. Esta debilidade própria da razão prática feminina, torna-as incompetentes para a prática das virtudes e inaptas ao exercício da cidadania (CARVALHO, 2010, p. 84).

Mesmo reconhecendo que nas mulheres o intelecto se faz presente e se equivale ao dos homens, nelas haveria uma debilidade que é própria da natureza feminina e que, portanto, essencialmente elas são inferiores aos homens e por eles devem ser governadas. Tal "constructo" criou raízes na civilização ocidental e acabou ganhando a dimensão de verdade metafísica.

Sor Juana, incomodada com o propalado domínio racional masculino e com a posição inferior, irracional?, ocupada pelas mulheres, entrega-nos os seguintes versos:

> Homens néscios que acusais[2]
> a mulher sem ter razão,
> sem ver que sois a ocasião
> daquilo de que as culpais:
>
> se com ânsia sem igual
> solicitais seu desdém,
> por que quereis que ajam bem,
> quando as incitais ao mal?
>
> Guerreais-lhes a resistência
> e logo, com gravidade,
> dizeis que foi leviandade
> o que fez a diligência.
>
> Parecer quer o denodo
> de vosso parecer louco
> o menino que faz coco
> e fica a tremer-se todo.
>
> Quereis, com presunção néscia,
> achar a que perseguis,
> se para noiva, Taís,
> se para amante, Lucrécia.
>
> Que humor pode ser mais raro
> que o que, falto de conselho,
> ele mesmo embaça o espelho
> e clama por não ver claro?
>
> Ante o favor e o desdém
> tendes condição igual:
> clamar, se vos tratam mal,
> zombar, se vos querem bem.
>
> Toda opinião sua é insana;
> pois a que mais se recata,
> se não vos admite, é ingrata,
> se vos admite, é leviana.
>
> Sempre tão néscios andais
> que, com desigual nivel,
> uma culpais por cruel,
> outra por fácil culpais.
>
> Como há de estar temperada
> a que vosso amor pretende,
> se a que é ingrata vos ofende,
> se a que é fácil vos enfada?
>
> Mas, entre o enfado e a pena
> que vosso gosto refere,
> bem haja a que não vos quere
> e em boa hora vos condena.
>
> As vossas amantes penas
> dão-lhes aos seus vôos alas,
> e depois de ruins torná-las,
> querei-las boas pequenas.
>
> Quem culpa maior tem tido
> em uma paixão errada:
> a que cai porque rogada
> ou o que roga de caído?
>
> Ou qual é mais de culpar,
> se ostentam a mesma chaga,

[2] Utiliza-se, aqui, a tradução do poema feita por Antonio Miranda em: <http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

a que peca pela paga,
ou o que paga por pecar?

Por que, pois, vos espantais
das culpas em que incorreis?
Querei-as qual as fazeis
ou fazei-as qual buscais.

Deixai de solicitar,
e depois, com mais razão,
acusareis a afeição
da que vos for suplicar.

Ah, com muitas armas fundo
que lida vossa arrogância,
pois em promessa e em instância
juntais diabo, carne e mundo
(CRUZ, 2009, pp. 320-321).

A poetisa ilustra o domínio do homem sobre a mulher, um domínio contraditório, pois, embora ele devesse agir racionalmente, o que se percebe é o oposto, ou seja, sua confusão e imprecisão mental é que acabam por se tornar a causa da suposta irracionalidade das próprias mulheres. Não há aí apenas uma defesa das mulheres, mas, sim, o argumento crítico de que elas são fruto do modo de agir daqueles que as "governam": *Homens néscios que acusais/ a mulher sem ter razão,/ sem ver que sois a ocasião/ daquilo de que as culpais.*

A contradição masculina é demonstrada pela poetisa nos versos: *Sempre tão néscios andais/ que, com desigual nível,/ uma culpais por cruel,/ outra por fácil culpais.* Quer dizer, se a mulher se fecha ao desejo masculino, não cedendo aos encantos íntimos daquele que a corteja, simplesmente é tida como cruel, mas, cedendo e se rendendo ao desejo do homem, e ao seu próprio desejo, levará consigo a marca de ser uma mulher fácil: *Toda opinião sua é insana;/ pois a que mais se recata,/ se não vos admite, é ingrata,/ se vos admite, é leviana.* É a ética moralmente questionável da sociedade seiscentista americana.

A poetisa, então, passa a cobrar do homem que ele aja racionalmente e que seu desejo contenha um viés racional, como faz na advertência: *Deixai de solicitar,/ e depois, com mais razão,/ acusareis a afeição/ da que vos for suplicar.* Por esse motivo, Octavio Paz (1982) conclui que a crítica feita por Sor Juana aos homens de seu tempo não é ideológica, fundamentada na moral, indo além de uma mera crítica social e tornando-se uma questão intelectual.

4. O questionamento da superioridade masculina

A mulher sofria, como se viu em Sor Juana, as consequências de um jugo que remonta ao passado e que se baseia no entendimento de que a diferença entre homens e mulheres é um elemento natural e também intelectual.

Alfonsina Storni (1892-1938)

Alfonsina Storni, poetisa argentina do início do século XX, discorda dessa

naturalidade e traduz, em seus poemas, a luta por uma relação de igualdade entre os sexos, ou seja, tudo aquilo que se exige da mulher deve também ser exigido do homem.

O poema "Tu me queres casta"[3] é um tratado sobre a necessidade de que as cobranças que se fazem às mulheres e aos homens sejam de igual monta, se equivalham:

> Tu me queres alva,
> me queres de espuma,
> me queres de nácar,
> que seja açucena
> mais casta que todas.
> De perfume suave;
> corola fechada.
>
> Nem raio de lua
> filtrado me toque.
> Nem a margarida,
> seja minha irmã.
> Tu me queres nívea,
> tu me queres branca,
> tu me queres casta. (STORNI, 2006, p. 69-70).

Os versos dessas estrofes ditam o que os homens querem das mulheres ou como as querem. Que sejam claras como a manhã, a espuma e a flor, e também, perfumadas. A castidade é a exigência que indica para muitos uma precedência da honra da família sobre a honra da própria mulher. A segunda estrofe reforça ainda mais o que é exigido da mulher, que nada tenha a violado, que se mantenha pura conforme os desígnios masculinos.

Nos versos seguintes, este aparente conformismo se converte em um questionamento:

> Tu, que as taças todas
> já tiveste à mão.
> Os lábios corados
> de frutos e mel.
> Tu, que no banquete
> coberto de pâmpanos,
> as carnes gastaste
> festejando a Baco.
> Tu, que nos jardins
> escuras do engano,
> lascivo e vermelho
> correste ao abismo.
>
> O' tu, que o esqueleto,
> não sei por que graça
> ou por que milagre
> conservas, intacto,
> só me queres branca,
> (que Deus te perdoe!)
> só me queres casta,
> (que Deus te perdoe!)
> só me queres alva (IDEM).

O homem que exige não teria, no entanto, moral para fazer tal exigência. Ele é libertino, festeja com muito vinho, desfruta do mel e também do fruto de outras mulheres. É esse o retrato do homem que diz pretender ter alguém para se casar. Ele quer aquela que seja casta, mas ele mesmo não o é, ou, ao menos, não procura sê-lo. Recorre à pureza do gênero feminino, ao tempo em que desfruta dos prazeres mundanos, algo que aos homens a sociedade permite.

É enfático o questionamento, ou seja, o homem está tão "sujo" que somente a estrutura óssea está intacta e limpa da sujeira mundana. Dessa forma, parte-se para a questão: Por que pretender que a mulher seja virgem, completamente alheia aos prazeres da carne, se o próprio homem não tem essa pureza como meta?

Há aqui um desdobramento interessante e que também marca a interioridade

[3] Poema traduzido por Osvaldo Orico em: <http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/argentina/alfonsina_storni.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

feminina. O homem festeja como Baco, como um pagão embriagado, enquanto a mulher, questionando as exigências dele, recorre a Deus, à fé cristã para que ele seja perdoado pelos pecados, pois, ela sendo pura não os têm.

O desfecho do poema começa com uma sugestão, para que o homem corra e encontre na natureza um meio de purificar-se:

> Foge para o bosque,
> vai para a montanha,
> purifica a boca,
> vive na humildade.
> Segura com as mãos
> a terra orvalhada.
> Alimenta o corpo
> de raiz amarga.
> Bebe a água das rochas
> dorme sobre a geada,
> renova os tecidos
> com salitre e água.
> Conversa com os pássaros,
> lava-te na aurora.
> E já quando as carnes
> ao corpo te voltem.
> E quando hajas posto
> nos carnes a alma
> que, pelas alcovas,
> ficou enredada.
> Então,—homem puro,—
> pretende-me nívea,
> pretende-me branca,
> pretende-me casta (IDEM).

Segundo Rosiska Darcy de Oliveira, o feminino tem uma relação com a natureza, ele "*se constrói pela assimilação das mulheres à Natureza*" (OLIVEIRA, 1992, p. 40). O homem foi se afastando desta pureza natural e se corrompendo com as coisas mundanas, enredando a alma na promiscuidade das alcovas. É o que temos nesses últimos versos do poema de Storni. A mulher é branca, casta e pura porque está diretamente ligada ao natural, enquanto o homem, afastado, se polui com tudo o que haveria de ruim.

Para que chegue à altura de exigir algo da mulher, precisa primeiramente voltar-se à natureza. É ela que irá limpar os males da carne masculina e a deixará "branca e casta", à altura, portanto, de exigir o mesmo da mulher. Como se vê, em Alfonsina Storni, vislumbra-se algo de desarmônico na tradição da relação homem e mulher, é a busca de uma visão de igualdade e de direitos compartilhados entre os sexos.

5. De caça à caçadora

Resguardada a importância que poetisas como Sor Juana e Alfonsina Storni tiveram na luta por uma expressão igualitária entre os gêneros, foi só a partir da segunda metade do século XX que a mulher teve as condições históricas para se colocar, de fato, em pé de igualdade com o homem.

Como antecipou há milênios Heráclito de Éfeso, no seu fragmento 10: "*Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e de todas as coisas, um, e de um, todas as coisas*" (HERÁCLITO, 1998, p. 36). Tal era o mundo para Heráclito – antes da escolha racionalizante feita por Platão e Aristóteles –, um mundo que parece se assemelhar em alguns pontos àquele em que vivemos. A pós-modernidade é o *ethos* onde o desarmônico também compõe a harmonia do mundo, acolhendo seus tons e seus ruídos.

Seguindo esta linha, na pós-modernidade, a mulher passa a ser vista não mais como condenada ao patriarcalismo, à submissão ao domínio

natural do masculino. Como explica Rosiska Darcy de Oliveira:

> A irrupção das mulheres enquanto protagonistas no cenário político, social e cultural se inscreve no quadro de uma alteração mais ampla, uma verdadeira crise de civilização que, no fim dos anos 60, abala os princípios e valores que garantiam a ordem social e o consenso ideológico das sociedades industriais do Ocidente (OLIVEIRA, 1992, p. 46).

Toda a estrutura que mantinha os princípios e valores do mundo ocidental começa a ruir. Já havia sinais de que os paradigmas dominantes apresentavam problemas, o mundo não poderia mais basear-se num único traço do conhecimento, o racional, dominado por uma única raça, a branca, e por um único gênero, o masculino.

É nesse contexto que chegamos a Roxana Ukmar, poetisa nascida em Buenos Aires (1960), uruguaia por adoção, e autora do livro "Todos los hombres son casados", lançado em 2010.

Os poemas do livro servem tanto para ilustrar a posição que ocupa o feminino na sociedade contemporânea, como para investigarmos uma possível reversão do jogo entre os elementos simbólicos que determinavam a dominação masculina. Ukmar parece nos provocar com a sugestão de que é a mulher quem está no comando e de que é a ela que cabe, agora, o papel de dominadora:

> Estás liquidado
> bang bang
> vou ter que procurar
> outro poeta
> outro diretor
> wim Wenders
> por exemplo
> porque este já não me serve
> (UKMAR, 2010, p. 23).

De início vemos que a poetisa sempre assume o domínio da situação, pois é ela mesma quem decide aquele que entrará pra ser o diretor ou poeta. Percebemos aí uma inversão na forma de ver as coisas, pois, por muito tempo, as escolhas pertenciam ao homem, era ele quem decidia. Aqui, a mulher assume esta função. Parece-nos evidente que a tomada de poder se dá de maneira consciente, isto é, a mulher escolhe o diretor e, portanto, o roteiro do filme que quer para si.

Seguindo a mesma linha, o próximo poema, que se liga à atração física, é mais explícito com relação ao simbólico:

> digo que és minha presa na mira
> e tu dizes que
> encurralado
> te entregas
> é que ainda não entendeste
> que esta não é uma opção
> que não tens opção
> que não depende de tua vontade
> ou até sim
> mas aí já é a minha (IDEM, p. 18).

Como se vê, não há saída para a presa em relação à caçadora, nesta que pode ser percebida como uma metáfora da relação homem/mulher. Realmente há uma caçada e a caçadora, impregnada de um feminino que se apossa do poder, é implacável. A presa diz que encurralada se entregará, mas esta opção não lhe é dada, pois toda a decisão está nas mãos da caçadora. E mais que isso, mesmo que a presa venha a ter algum desejo, este já não seria dela, mas, sim, da caçadora.

A presa em questão é o velho caçador de tempos superados, o homem acostumado a dominar. A caçadora, outrora dominada se desloca para o centro do poder. O seu desejo é aquele que encurrala, que decide, que sai à caça e age marcadamente pela imposição de uma nova vontade, de uma nova ordem. A sutileza simbólica poderia se fazer no domínio da situação pela presa, ao render-se, mas a caçadora está atenta e se antecipa à armadilha simbólica.

A vontade da mulher é voraz, e nos lembra do ímpeto sexual masculino. Ukmar gosta de marcar as suas *presas*, é o que se nota neste outro poema:

> sinto muito
> a presa já está marcada
> vou te encurralar
> até que não sobre ar
> até que minha fome voraz
> termine contigo
> sinto muito não há opção
> ao menos que outra presa me distraia
> um tempo (IDEM, p. 17).

A mulher se sente como uma caçadora que sufoca a presa, que ela já tem marcada. A intenção é fechar a caça em um canto até que a fome da caçadora termine com a caça. Não há opção para quem está na mira, a única saída seria outra presa que pudesse distrair a caçadora, mas só por algum tempo.

O poema expressa mais uma vez o ímpeto da mulher. Esta que já parece não se sentir violentada pelo simbólico e que trata o outro como caça. Ela está no poder e informa a sua "vítima" das opções que ela pode ou não pode ter. No poema não há saída. A caçadora assume um tom irônico, se desculpando por atacar, mas sufocando a caça com fome voraz. Essa ironia pode ser entendida como uma metáfora do drible que a mulher dá no poder simbólico masculino.

Por último, é a ideia "antropofágica" de deglutir o poder masculino, convertendo-o em seu revés feminino que nos parece ser o mote do jogo simbólico da poetisa, pois há sempre uma vítima a ser caçada e devorada, como fica claro neste poema com que encerramos a leitura de Roxana Ukmar:

> quero te cozinhar
>
> "à greenaway"
> te picar em pedacinhos
> te temperar bem
> e te meter no forno
> a fogo baixo
> te saborear tranquilamente até os [ossos…
> sozinha
>
> sem a possibilidade de outras (IDEM, p. 21).

Conclusão

Ao longo desse estudo elucidamos o embate homem/mulher durante alguns períodos da história do pensamento e da literatura hispano-americanas. Partimos da crítica feita por Sor Juana Inés de la Cruz, no século XVII, passando pela visão igualitária construída por Alfonsina Storni, no século XX, e chegamos ao desarme e à reversão do poder simbólico masculino em Roxana Ukmar, no século XXI.

Mesmo longe no tempo dos debates feministas, vimos que Sor Juana, no século XVII, já questionava a posição assumida pelos homens diante das mulheres. Para Sor Juana, era um elemento natural a diferença entre homens e mulheres. O que não era normal, ao ver da poetisa, era a imprecisão mental que normalmente o homem deixava transparecer na relação entre os gêneros.

A superioridade masculina começou a ser questionada no começo do século XX. Como demonstramos, na poesia de Alfonsina Storni, há um desdobramento que traz a ideia de que o universo feminino é, sim, distinto do masculino, e não inferior. O feminino torna-se, na verdade, uma possibilidade diferente, válida como o masculino. A mulher já se sente no direito de exigir e cobrar igualdade na relação masculino/feminino.

Com a poesia de Roxana Ukmar, chegou-se ao possível desvelamento da violência simbólica praticada pelo poder patriarcal. A mulher nos poemas de Ukmar domina o masculino, arrebanhando para si todo o poder simbólico que permeia esta relação.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina*. Trad. Joaquín Jordá. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

BUTLER, Judith. *El género en disputa*: el feminismo y la subversión de la identidad. Trad. Maria Antónia Muñoz. Barcelona: Paidós, 2007.

CARVALHO, Maria da Penha Felicio dos Santos de. *A Crítica de Judith Butler às Normas que Governam Gênero e Sexualidade*. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.81-92, 2010. ETHICA 81.

CASTRO, Manuel Antônio de. Epistéme, 2. In: CASTRO, Manuel Antônio de e outros. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php?title=Epist%C3%A9me>. Acesso em 20 de abril de 2012.

_____. Modernidade, 2. In: CASTRO, Manuel Antônio de e outros. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php?title=Modernidade>. Acesso em 23 de julho de 2012.

CRUZ, Sor Juana Inés de la. Hombres necios. In: *Obras Completas, I*. 2ª ed. México: FCE, 2009, pp. 320-322.

CUNHA, Helena Parente (coord.). *Violência simbólica e estratégias de dominação* – produção poética de autoria feminina em dois tempos. Rio de Janeiro: Editora da Palavra e Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FEATHERSTONE, Mike. Moderno e pós-moderno: definições e interpretações. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1995, pp. 17-30.

GRENZ, Stanley J. Jornada nas Estrelas e a geração pós-moderna. In: *Pós- modernismo*: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997, pp. 15-28.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: BORNHEIM Gerd A (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998, p. 36.

LOBO, Luiza. A teoria e a prática feministas. In: Eduardo Coutinho (org.). *Fronteiras imaginadas* – cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, pp. 183-199.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Correa Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1988.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia*: o pensamento poético. CAMPOS, Maria José (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da diferença:* o feminino emergente. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*. México: Fondo Cultura Económica, 1982.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STORNI, Alfonsina. Tú me quieres blanca. *Antología Mayor*. 6ªed. Madrid: Hiperión, 2006, pp. 69-70.

UKMAR, Roxana. *Todos los hombres son casados*. Montevideo: Editorial Botella del Mar, 2010.

VATTIMO, Gianni. O *fim da modernidade*: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em 2013-10-22
Publicado em 2014-08-25